

SOUSÂNDRADE EM NOVA IORQUE: FIGURAÇÕES DA MULHER E DO MOVIMENTO *FREE LOVE* NO POEMA “O GUESA”

Alessandra Da Silva Carneiro¹

RESUMO

Este artigo analisa as figurações da mulher estadunidense e do movimento *Free Love* no canto décimo do poema **O Guesa**, do poeta brasileiro Joaquim de Sousa Andrade, ou Sousândrade. No século XIX, o *Free Love* criticava o casamento como convenção social e sem amor, por isso advogava o amor livre, sem caracterizar necessariamente uma oposição à monogamia. No entanto, o sentido do termo *Free Love* parece ter sido ignorado pelos mais respeitados críticos sousandradinos. Em **O Guesa**, Sousândrade condena as mulheres integrantes do movimento *Free Love* para estabelecer o seu contraponto utópico de comportamento feminino no sistema político republicano.

Palavras-chave: Século XIX. Literatura brasileira. Sousândrade. Estados Unidos. Mulher.

1. Introdução

Em 1881, em uma carta endereçada a duas estudantes brasileiras de medicina nos Estados Unidos, Sousândrade escreveu que a educação feminina deveria ser um meio de “elevação da mulher pelas virtudes e pelas sciencias” pois, na sociedade moderna, não bastava que a mulher tivesse “o perfeito coração maternal”; era necessário que a mãe de família se “emancipasse” por meio dos estudos². A emancipação feminina referida por Sousândrade, no entanto, não significava a independência da mulher, mas saberes que ela deveria dominar para o bem-estar de sua família. Dessa forma, Sousândrade corroborava o culto do *womanhood* (feminilidade), vigente nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX, que atribuía à mulher a responsabilidade pela moralidade do lar. Sobre isso, Stacy A. Cordery, em “*Women in Industrializing America*”, explica que a mulher:

(...) was assumed – and assumed herself to be – morally superior to her husband and closer to God. (...) She was the model wife and mother, and her highest calling was to bear and raise children. Onto her shoulders devolved the responsibility for

¹ Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo – USP.

² A referida carta inédita de Sousândrade às editoras do periódico **A mulher** consta nos anexos da tese de doutorado da autora deste artigo. Cf.: CARNEIRO, Alessandra da Silva. *O Guesa em New York: republicanismo e americanismo em Sousândrade*. 2016. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8149/tde-29062016-114340/>>. Acesso em: 2017-05-31.

*rearing not only polite and well-mannered children but also children well-schooled in the precepts of Christianity*³. (CORDERY, 2007, p.120)

Portanto, a mulher era considerada moralmente superior ao seu marido e, por isso, a responsável por manter o equilíbrio da família, além da boa educação dos filhos com base nos princípios cristãos. Assim, o estudo deveria servir para dotar as mães de família com sabedoria que seria útil ao lar.

Somada à possibilidade de receber educação formal, as americanas dessa época também tinham a oportunidade de trabalhar fora de casa, pois o mercado de trabalho para as mulheres aumentou sensivelmente durante a Guerra de Secessão (1861-65), visto que a maioria dos homens jovens estava prestando serviço militar. Igualmente, os anos que se seguiram ao final da Guerra de Secessão foram marcados pela expansão econômica, industrialização e, conseqüentemente, pelo aumento na oferta de empregos também para elas. Sousândrade, embora admirasse essas atividades exercidas pela mulher americana, não deixou de expressar receio sobre as possíveis conseqüências do espaço que elas iam conquistando fora de casa (MILLER, 2012). Isso também pode ser constatado em demais observadores estrangeiros que estiveram nos Estados Unidos na segunda metade do século XIX, como o escritor cubano Jose Martí.

De acordo com Julio Ramos (2008), Jose Martí entendeu que a instituição familiar estava em crise na sociedade estadunidense e via nisso o “esgotamento de todo um sistema de vida, de entender e representar o mundo; mentalidade que seguia operando sobre a sua visão da cidade capitalista, ao longo de seus anos nova-iorquinos” (p. 211-12). A crise da família é entendida por Martí como conseqüência do lugar que a mulher vinha ganhando na sociedade industrial e da masculinização do feminino que o trabalho acarretava⁴. Vejamos o trecho abaixo citado por Ramos, extraído de “Coney Island”:

³ Tradução livre: “(...) era supostamente — e presumia ser — moralmente superior a seu marido e mais próxima de Deus. (...) Era a esposa e mãe modelo, e sua vocação suprema era gerar e educar seus filhos. Nos seus ombros caía a responsabilidade de criar, não somente filhos corteses e bem-educados, mas também filhos instruídos nos preceitos cristãos”

⁴ Walter Benjamin também registrou análise semelhante em relação ao papel que a mulher ganhava fora de casa e a masculinização dos seus traços pelo trabalho na Europa da primeira metade do século XIX. Para ele: “o século XIX começou a empregar a mulher, sem reservas, no processo produtivo, fora do âmbito doméstico. Fazia-o preponderantemente do modo primitivo: colocava-a em fábricas. Assim, com o correr do tempo, traços masculinos surgiam, pois o trabalho febril os implicava, sobretudo os visivelmente enfeiantes. Formas superiores de produção, inclusive na luta política como tal, podiam também favorecer traços masculinos, mas de uma forma mais nobre”. BENJAMIN, Walter, **Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo** - Obras Escolhidas - Vol. III. São Paulo: Brasiliense, 1989.p. 91.

Devemos perguntar às mulheres qual é o fim natural de sua sede inextinguível de prazer e distração. Devemos perguntar se (...) depois podem levar a seus lares essas sólidas virtudes, esses doces sentimentos, a bondosa resignação, aquele evangélico poder de consolo que mantém a esperança numa casa arrasada pela desventura, inspirando em seus filhos o desprezo pelos prazeres materiais e o amor pelas satisfações internas que tornam os homens felizes e fortes (...). (Martí, [1991, vol.19, p.124] *apud* Ramos, 2008, p. 212)

Como se vê, a mulher que não se dedicava exclusivamente à família era mal vista por Martí, que entendeu o trabalho feminino como mero desejo por “prazer” e “distração”, o que estragava-lhes as virtudes. Por outro lado, Martí dizia compreender que as mulheres possuíam a mesma capacidade que os homens para desempenhar qualquer ofício, mas, para o cubano, nenhuma dessas mulheres era tão encantadora quanto aquela que, ao invés de procurar trabalhar como homem, tratava de cuidar do seu homem⁵. De acordo com o exposto, a crise da família decorrente da mudança do papel social da mulher, que então almeja estudar e trabalhar fora de casa, também implicava a crise da sociedade, pois já não se teria mais assegurada a formação de homens íntegros, educados com moralidade conforme os preceitos cristãos.

No canto décimo do poema **O Guesa**, especificamente no trecho conhecido como “Inferno de Wall Street”, Sousândrade também relacionava problemas sociais, como a fraude e o latrocínio, não apenas à conjuntura do sistema econômico estadunidense da época, mas à falta de bons exemplos e amor da família responsável pela formação “do coração moral do homem” (canto décimo, p. 195).

Em suma, Sousândrade e Martí viam a liberdade da mulher nos Estados Unidos com admiração e espanto. Conforme Nicola Miller analisa no ensaio “*Liberty, Lipstick, and Lobster*” (2012), desse estranhamento geralmente decorriam duas interpretações da mulher estadunidense entre os observadores estrangeiros, são elas: a mulher benevolente (*philanthropic woman*) e a mulher superficial (*cosmetic woman*). A primeira era idealista, mulher madura geralmente descendente de puritanos, imune às paixões mundanas e inclinada a ajudar o próximo. Enquanto a segunda era materialista, jovem fútil que buscava a satisfação própria e bens de consumo (MILLER, 2012). De acordo com Miller, a imagem da mulher

⁵ Martí, referindo-se à France Folsom, esposa do Presidente americano Stephen Grover Cleveland, escreve: “*Pero ninguna de estas damas despierta el cariño mostrado en todas partes a la joven esposa del Presidente, que a la faena ingrata de trabajar como el hombre, prefiere la más útil y difícil de consolarlo*”. (MARTÍ, 1991[1887, Vol.11], p. 135).

benevolente serviu para sustentar o argumento de que as convicções morais distinguiam o sexo feminino.

Uma vez concedido às mulheres americanas o direito de estudar e, eventualmente, de trabalhar fora de casa – embora por vezes elas fossem acusadas de preterir as atividades restritas ao lar –, a concessão de direitos políticos a elas, como o sufrágio, era vista como algo sem relevância. Contrariando esse *status quo*, em 1872, Victoria Woodhull foi a primeira mulher a lançar candidatura para a presidência dos Estados Unidos, além de questionar o aprisionamento das mulheres ao matrimônio. Como se pode imaginar, sua iniciativa não foi apenas mal recebida, mas também duramente criticada. Woodhull e sua irmã, Tennessee Claflin, além de defensoras do sufrágio feminino, estiveram à frente do movimento *Free Love*, igualmente atacado pela sociedade da época e cuja repercussão encontramos no poema republicano **O Guesa**, como veremos na sequência.

2. As mulheres e o movimento *Free Love* nos Estados Unidos

Movimento que remonta ao período do *ante-bellum* americano, o *Free Love* criticava a instituição do casamento por convenção social e sem amor. A condição da mulher casada era o principal foco de discussão por parte dos defensores desse movimento, os quais opunham-se à anulação da mulher enquanto indivíduo em prol do marido e dos filhos. O *Free Love* ainda denunciava a violência sexual que as mulheres casadas sofriam dentro de casa e alertava que filhos concebidos por meio desse ato nasceriam doentes ou seriam adultos com propensão a desvios de caráter. No entanto, o *Free Love* não se definia como um movimento de viés feminista.

Victoria Claflin Woodhull foi a mais polêmica entusiasta feminina do *Free Love*. Woodhull fora casada com um alcoólatra com quem teve dois filhos, um deles com problemas mentais, razão pela qual ela fazia da sua própria experiência argumento em defesa do reconhecimento dos desejos sexuais femininos – contrariando os discursos religiosos da época que privilegiavam a alma em detrimento dos prazeres do corpo –, que deveriam ser satisfeitos numa relação com amor, pois o *bad sex* seria a origem de muitas enfermidades.

A mesma militante era adepta do espiritismo e também acreditava na troca de energias durante a relação sexual, que fluiriam para manter a harmonia entre o corpo e a alma. De outro modo, o sexo sem amor e prazer seria a causa do padecimento do corpo. Ela ainda defendia que mulheres que se submetiam a um casamento por convenção eram equiparáveis

às prostitutas, com a diferença que estas últimas ainda podiam escolher quando ter relações sexuais. De acordo com os preceitos do *Free Love*, a estabilidade financeira trazida pelo casamento que as mulheres oitocentistas almejavam deveria ser substituída pela independência dessas mulheres. Argumentava-se que as mesmas deveriam estudar e trabalhar para o seu próprio sustento e optar pelo casamento apenas quando houvesse amor. Portanto, o *Free Love* advogava o amor livre das convenções sociais e não necessariamente uma oposição à monogamia, embora também a questionasse.

O sentido do termo *Free Love* no poema **O Guesa** parece ter sido ignorado pelos mais respeitados estudiosos da obra de Sousândrade, como Luiza Lobo e os irmãos Augusto e Haroldo de Campos. Esses últimos, no glossário elaborado para o “Inferno de Wall Street”, contido no livro **Re Visão de Sousândrade**, informam simplesmente “ (...) free-love (ing): amor-livre; Sousândrade aplica, usualmente, a expressão para designar a mulher adepta do amor livre ...” (CAMPOS; CAMPOS, 2002, p. 414). Como se nota, o verbete não explica o que foi o movimento *Free Love* nos Estados Unidos oitocentista, além de deixar em aberto o significado do termo “amor livre”.

Luiza Lobo, por sua vez, em **Épica e Modernidade em Sousândrade**, escreve que o maranhense “deve ter sido um pioneiro no uso de um termo que define o amor livre de então, ‘freelove’, e que ainda hoje é atual” (LOBO, 2005, p. 159). Ou ainda, na primeira edição atualizada de **O Guesa**, lançada em 2012, lemos: “No Canto Décimo, volta a condenar o comportamento feminino, desta vez das ‘freeloves’, as namoradas norte-americanas, que desdenha com moralismo (...)” (LOBO, 2012, p. 17). Nessa mesma edição, nas notas adicionadas ao canto décimo, a autora define *free loves* como “mulheres de costumes livres de Nova York, que decepcionam ‘O Guesa’” (LOBO, 2012, p. 529). Lobo também demonstra desconhecimento em relação aos preceitos e reivindicações do movimento contestatório do casamento como contrato social que foi o *Free Love*, sobretudo quando atribui de modo impropriedade a Sousândrade o pioneirismo no uso do termo em inglês.

O norte-americano Frederick G. Williams, que defendeu tese de doutorado sobre a vida e obra de Sousândrade, comenta as menções ao *Free Love* no artigo “Sousândrade em Nova Iorque: Visão da Mulher Americana”, publicado em 1991. Mesmo que tardiamente, Williams foi o primeiro a contextualizar historicamente o movimento e relacioná-lo a Victoria Woodhull e sua irmã Tennessee Claflin. Contudo, os comentários de Williams são enviesados pois, sem citar nenhuma fonte, ele associa o *Free Love* somente às mulheres

inclinadas à devassidão e à prostituição, o que caracterizaria as menções ao *Free Love* no poema como sinônimo de infidelidade feminina. Apesar disso, o pesquisador americano acerta quando diz que as seis citações ao *Free Love* no “Inferno de Wall Street” contêm sentido negativo, “embora tenha o aspecto bizarro e jocoso” (WILLIAMS, 1991, p. 552).

Podemos rebater as considerações que Williams faz em relação á devassidão feminina característica do *Free Love* com o artigo “*A Masculine View of Women's Freedom: Free Love in the Nineteenth Century*”(1994), o qual nos informa que a maioria daqueles que advogavam e organizam o *Free Love* eram homens. Apesar do protagonismo de Victoria Woodhull à frente do movimento, a autenticidade das posições sustentadas por ela são colocadas em dúvida no referido artigo. Woodhull seria manipulada por seu segundo marido, Cel. Blood, haja vista que os preceitos do *Free Love* seriam mais convenientes aos homens pois, naquela época, dada a má aceitação do divórcio pela sociedade, desfazer-se de um casamento era mais penoso para as mulheres; somado a isso, o *Free Love* promovia um discurso individualista que, para a maioria das mulheres, criadas para servirem ao outro, era difícil de ser acolhido (SPURLOCK, 1994). Talvez isso explique o motivo pelo qual Woodhull viria a renegar mais tarde toda a sua atuação contra o matrimônio à frente do *Free Love*, ao casar-se pela terceira vez, quando também se converteu ao catolicismo e foi viver na Inglaterra.

Embora estudos apontem que o número de homens responsáveis pela organização e elaboração de ideias do *Free Love* fosse maior que o de mulheres, o movimento era popularmente associado às mulheres tidas como exibicionistas (*flamboyant women*, SPURLOCK, 1994, p. 37.) e Victoria Woodhull encaixava-se indubitavelmente nessa categoria. Como militante do *Free Love* ela também defendia o sufrágio feminino e os direitos de participação política às mulheres e, por isso, lançou-se como candidata à presidência dos Estados Unidos em 1872 pelo *Equal Rights Party*. O líder negro Frederick Douglass - abolicionista, orador, escritor e feminista – foi indicado pelo partido como vice-candidato de Woodhull, mesmo sem o consentimento dele.

No entanto, Victoria Woodhull foi presa na véspera das eleições pela publicação da denúncia de adultério envolvendo Henry Ward Beecher, reverendo da igreja de Plymouth, com uma senhora casada, frequentadora da mesma igreja. O caso, conhecido como *Tilton/Beecher*, teve grande repercussão na época e foi propagado a partir do jornal semanal do qual Woodhull e sua irmã eram responsáveis, o **Woodhull & Claflin's Weekly**. A lei que

permitiu a prisão temporária de Woodhull enquadrava como crime o envio por correio de material com conteúdo sexual, já que a denúncia foi considerada obscena.

O interesse de Woodhull com a divulgação do caso de adultério não seria desmoralizar o reverendo da igreja de Plymouth, porém trazê-lo para o lado da causa *Free Love*, uma que vez que ao envolver-se como uma senhora casada ele estava praticando o que pregava o Movimento, a saber: o sexo por amor longe das amarras das convenções do matrimônio.

Ainda em relação à candidatura de Woodhull e ao direito de voto às mulheres, Sousândrade faz referências a isso em diferentes momentos do “Inferno de Wall Street”:

(*Thanksgiving* ao progresso, CORONEL MISS CLAFFIN :)

— Eleita do meu regimento,
 Eleição direitos perfaz :
 Nos céus bem convexos
 Os sexos
 Se não guerram . . . lá reina a paz.

(canto décimo, p. 237)

(Candidata á presidencia americana e rainhas europeas
 luctando contra a dureza dos positivos tempos :)

— Subir, é melhor para a gloria ;
 Descer, para a respiração . . .
 — A Bíblia escachaça
 Em fumaça,
 Se é cabeça e não coração !
 (idem)

(EMERSON philosophando :)

— Descer . . . é tendencia de principe ;
 Subir . . . tendencia é do vulgar :
 Faz um stagnação ;
 Da nação
 O estagno, o outro faz tempestar.
 (canto décimo, p. 238)

(V. WOODHULL no mundo dos espiritos :)

— Napoleão ! Grand'Catharina !
 Trema a terra á crys-sensação !
 Demosthenes ! Grande
 Alexandre !
Woman rights, hippodromo e pão !

(idem)

(*Freeloves* passando a votar em seus maridos :)

— De americanos o unico Emerson
 Não quer presidencias, o atroz !
 == O' bem justicados,
 Estados
 Melhoram p'ra vós e pr'a nós !
 (canto décimo, p. 250)

É característica do poema de Sousândrade temas serem apresentados e retomados em diferentes momentos do texto. Na primeira estrofe, a menção ao *Coronel Miss Claflin* é uma referência imediata a Tennessee, irmã de Victoria, que foi eleita em 1872 coronel honorária de uma guarda negra veterana da Guerra Civil. O agradecimento ao progresso se dá pela eleita daquele regimento ser militante do direito de a mulher eleger-se na política nacional. Mas a leitura da estrofe também agrega ambiguidade jocosa, se considerarmos que o marido de Victoria era também coronel e que as irmãs carregavam o mesmo sobrenome de família, embora Victoria fosse mais conhecida pelo sobrenome do seu primeiro marido, Woodhull. Decorre, então, que a patente de coronel, substantivo masculino, remete ao Coronel Blood, ao passo que o pronome de tratamento *miss* Claflin nos lembra também Victoria, sua esposa, estabelecendo desse modo o enlace entre o casal. Podemos ler os versos citados como uma provocação de que somente o sexo poderia apaziguar os diferentes anseios sociopolíticos entre homem e mulher. O Coronel agradecerá a Deus pelo progresso eleitoral, mas Woodhull é eleita apenas sua amada e não presidente.

Na estrofe seguinte, a candidata em questão é Woodhull que, pela sua pretensão de tornar-se governante americana, é colocada junto às rainhas da Europa, mulheres em posição de poder. A ordem de apresentação das personagens na rubrica que antecede a estrofe sugere um diálogo entre elas, muito embora chame atenção na passagem a ausência do travessão duplo, usado geralmente por Sousândrade para marcar a intervenção de uma segunda voz nas estrofes. Woodhull reflete sobre os perigos do seu anseio pela ascensão política, pois o movimento de subida ao poder, bom para glória, é também uma ameaça à respiração, ou à vida. As rainhas europeias, vivendo na era do embate positivista entre subjetividade e ciência, percebem a ruptura que ocorreria caso os preceitos religiosos fossem questionados à luz da razão. Talvez, aqui, haja um questionamento sobre a teoria do direito divino dos reis, que seriam representantes de Deus na terra, pois, como se sabe, Sousândrade era avesso ao

sistema monárquico. Essa hipótese de leitura é reforçada pela terceira estrofe em que Emerson – muito provavelmente o ensaísta, poeta e filósofo transcendentalista Ralph Waldo Emerson, bastante conhecido na sociedade americana na segunda metade do XIX – fala sobre a queda da monarquia e a ascensão da democracia republicana.

Na sequência, há referência à mediunidade de Victoria Woodhull, que se encontra no mundo dos espíritos em contato com grandes personagens políticos. A questão levantada na passagem concerne aos direitos das mulheres, a qual é diminuída em sua importância pela associação com a política do *panis et circenses*, praticada no Império Romano para alienação do povo em relação aos problemas políticos correntes. Na última estrofe, o tema do sufrágio feminino reaparece e a ironia da passagem está na sugestão de que pouco importaria que os candidatos ao posto maior da república fossem as mulheres adeptas do *Free Love*, ou seus maridos, porque o que todos almejavam era somente a glória do poder. O único cidadão que se desprenderia dessa ambição é o referido Emerson, admirado por Sousândrade.⁶

Outras referências ao *Free Love* ocorrem nos seguintes excertos do *Inferno de Wall Street*:

(DUQUE ALEXIS recebendo *freeloves* missivas;
BRIGHAM :)

— De quantas cabeças se fôrma
Um grande rebanho mormão ?
== De ovelha bonita,
Levita,
Por vezes s'inverte a equação.

(Hymnos de SANKEY chegando pelo telephono a STEINWAY HALL :)

— *O Lord ! God ! Almighty Policeman !*
O mundo é ladrão, beberrão,
Burglar e o vil vandalo
Escandalo
Freelove . . . e hi vem tudo ao sermão !
(canto décimo, p. 234)

(Astronomicas influencias, CANCRO e CAPRICORNIO :)

— São *freeloves* Ursas do Norte ;
Ped'rasta o Cruzeiro do Sul . . .

⁶ Emerson é citado quatro vezes no Canto Décimo. A versão londrina, a última, inclui versos sobre sua morte: “Segue ao Poeta o Philosopho — estalaram/ Todas da america harpa as grandes chordas !/D’Emerson pensador a filha ás bordas/ Do tum’lo e os lirios de Platão acharam.” (p. 272).

== A yanky ! o carioc !
 Stock, stock,
 Minotauro e de Io o olho azul !
 (canto décimo, p. 235)

(MACDONALD, SHWAB, DONAHUE ; *Freeloves CALIFORNIAS*
 e *Pickpockets* pela universal revolução :)

— De asfalto o ar está carregado !
 == Hurákan ! o raio ora cae !
 — Caniculo mez,
 De uma vez,
 Vasto *Storm-god* em *Fourth-July* !
 (canto décimo, p. 237)

(...)

(*Freeloves* meditando nas *free-burglars* bellas artes :)

— Roma, começou pelo roubo ;
 New York, rouba a nunca acabar,
 O Rio, *anthropophago* ;
 == *Ophiophago*
 Newark . . . tudo pernas p'ra o ar . . .
 (canto décimo, p. 243)

O movimento *Free Love* é associado à poligamia praticada pelos mórmons. Duque Alexis, que recebe cartas de *freeloves*, parece estar interessado em compor seu harém, por isso pergunta a Brigham sobre quantas mulheres, chamadas de ovelhas, seriam necessárias para tanto e este responde que, dependendo do caso ou da inversão da equação, seriam as mulheres *freeloves* a formar o seu rebanho. Enquanto isso, na estrofe posterior, o pregador cristão Ira Sankey, evocando Deus e as autoridades, condena em seu sermão pecados como o roubo, o vício pelo álcool e o *Free Love*.

Na sequência ocorre um trocadilho entre a constelação da Ursa Maior e a figura das mulheres ianques como ursas da bolsa de valores (*freeloves* Ursas do Norte), lembrando que os *bears*, ou ursos, são os especuladores que provocam baixa nas ações. A presença do pederasta carioca parece sugerir alguma transação financeira entre ambos (*stock, stock*). Chama-nos atenção a menção ao comportamento sexual do carioca no contexto em que as *freeloves* também são mencionadas. O tom aqui, mais uma vez, é de censura a ambos. Ainda em tom negativo, as duas últimas estrofes supracitadas associam o *Free Love* com contravenções como o roubo, dada a referência aos *pickpockets*, batedores de carteira em inglês, e aos *free-burglars*, algo como ladrões à solta ou ladrões impunes, livres. Portanto, todas essas associações do *Free Love* com transgressões da lei, além das questões de conduta moral e sexual, talvez se justifiquem pelo fato de Victoria Woodhull e sua irmã Tennessee

Claflin serem consideradas as primeiras mulheres a atuarem em *Wall Street* com a corretora “Woodhull, Claflin & Company”, que elas teriam aberto com a ajuda do magnata Cornelius Vanderbilt (HOROWITZ, 2000, p. 411)⁷.

Por fim, as *freeloves* são contrapostas ao protótipo da mulher virtuosa, ou da nova-iorquina benevolente – como nos referimos no início deste artigo – exemplificado na figura de *Lady Hayes*, conforme veremos abaixo:

Acompanhai Lady Hayes, a fronteira
Mulher-intelligencia, amor, acção.

Pre-sente-se que o ides : sois os lares
Da sacra chamma patria — Oh, creio e te amo
Joven America ainda a delirares,
E mais de ti, portanto, é que reclamo :

De ti depende o mundo do futuro ;
Es o destino, a ti prende-se o homem,
Qual á magia a estar de um verbo puro,
Que desdenha do error, que á fôrça o tomem. . .

Em commum. . . não *commum*, que hi fórma a Davis
E a *freeloves* das liberdades-vicios
(*Corrupted free men are the worst of slaves*)

(canto décimo, p. 196)

Lady Hayes é mencionada por Sousândrade como símbolo da “Mulher-intelligencia, amor, acção”; a mulher educada, que se dedica ao cuidado dos seus e que também é dotada de atitude, tratando-se de Lucy Ware Webb Hayes (1831-1889). A esposa do Rutherford B. Hayes, 19º presidente dos Estados Unidos entre 1877 a 1881, ficou conhecida por ter sido a primeira esposa de presidente a possuir formação em nível superior. Lucy Hayes, apesar das ocupações domésticas e cuidados com os oito filhos que tivera, também impressionou a sociedade da época pelo apoio à carreira política de seu marido, tendo inclusive assumido agenda de visitas independentes quando em viagens oficiais com o presidente. Uma das anedotas mais profícuas em torno da figura de Lady Hayes foi a proibição de bebidas alcoólicas na Casa Branca, o que lhe atribuiu a alcunha de *Lemonade Lucy*, embora a proibição tenha partido do presidente, tendo a primeira dama apenas o apoiado. Por todos

⁷ O interesse de Cornelius Vanderbilt por Tennessee, irmã de Woodhull, e as sessões espiritualistas conduzidas por esta última, nas quais ele buscava contato com a mãe, teriam feito com que o milionário nutrisse certa estima pelas irmãs e, por conta disso, as teria ajudado a abrir a corretora em Wall Street. Cf: HOROWITZ, 2000, pp. 403-434.

esses elementos, Lucy Hayes entrou para a história como símbolo de mãe exemplar, esposa dedicada, além de mulher culta. Sua posição de destaque na sociedade da época chamou a atenção de movimentos pelo direito da mulher que tentaram atraí-la para suas causas.

Contudo, a primeira dama sempre eximiu-se do apoio público a qualquer movimento, fosse feminista, da temperança ou religioso. Em relação ao sufrágio feminino, por exemplo, Lucy Hayes corroborava a posição de seu esposo para quem as mulheres não possuíam educação suficiente para exercer o voto, além de as atividades da maternidade serem incompatíveis com o exercício da cidadania. Assim, Lady Hayes, contrariando as expectativas daqueles que a vislumbraram como modelo da *new woman* americana, afirmava-se enquanto uma mulher tradicional, elogiada por todos os lados como modelo de dona de casa, uma anfitriã encantadora e esposa atenciosa. (SCHNEIDER; SCHNEIDER, 2010, p. 131). Na posição de primeira dama, Lucy Hayes recebe no poema o epíteto de lar da sagrada chama pátria, o modelo de mulher condizente com o ideal da sociedade republicana para Sousândrade.

Nas estrofes citadas, em tom de destino manifesto, a supremacia política dos Estados Unidos é enfatizada nos versos “De ti depende o mundo do futuro/ És o destino, a ti prende-se o homem/ Qual á magia a estar de um verbo puro”. É com esse tom de devoção ao seu ideal sociopolítico que o bardo se vê na obrigação de condenar os erros daquele país. Ao final do excerto, salta aos olhos que o exemplo de “vícios” a ser combatido é resumido ao *Free Love*. De acordo com o poema, a intolerância com a fraqueza moral naquele contexto ocorre por tratar-se da terra da liberdade; do regime político onde não falta educação e religião, ou, nas palavras do poeta: “Mas, d'onde vem o mal, quando a Republica/ Bem cumpre seu dever — a escola, o templo?”(canto décimo, p.195). Observamos que o uso da conjunção adversativa “mas” indica a decepção do poeta frente à expectativa dessa união de fatores. Por fim, lemos em inglês a conclusão condenatória da passagem que diz que homens livres corruptos são os piores escravos.

3. Considerações finais

O tema dos valores da família e o papel da mulher na sociedade estadunidense, bem como as críticas ao compartimento feminino, são temas recorrentes no canto décimo do poema **O Guesa**. Sousândrade condena as mulheres integrantes do movimento *Free Love*, ao passo que traça o seu ideal de mulher para o sistema político republicano, conforme vimos nas

menções à esposa dedicada do presidente Rutherford B. Hayes. As numerosas menções ao *Free Love* no poema são negativas e parecem encobrir o temor sobre o rebuliço social que a extensão dos direitos civis às mulheres poderia causar na sociedade.

Além disso, o ideal da mulher enquanto mãe de família nutrido pelo poeta pode ser associado à clássica alegoria da república como mulher, a espartana da liberdade, na Revolução Francesa, que remonta à Roma Antiga⁸. Efetivamente, no canto décimo de **O Guesa** a república é referida como a “bella e pudica Mãe moral” (canto décimo, p.197) e pela variante “da família a mãe, sagrada e pudica” (canto décimo, p. 263). Igualmente, no poema “Canção do Almoço”, de “Liras Perdidas”, Sousândrade escreve “Minha mãe, ó Cidadãos, é a República” (SOUSÂNDRADE, 2003, p. 468), em referência à frase proferida por uma das personagens de Victor Hugo em **Os Miseráveis**. Arriscaríamos dizer que essa é a gênese da insatisfação do poeta com o correspondente real do seu ideal de mulher republicana.

ABSTRACT

*The purpose of this article is to analyze the images of the American woman and the Free Love movement in the tenth canto of the poem **O Guesa**, by the Brazilian poet Joaquim de Sousa Andrade, or Sousândrade. In the 19th century, the Free Love used to criticized the marriage as a social convention and without love. However, the meaning of the term Free Love seems to have been ignored by the most respected critics of Sousândrade's work. In **O Guesa**, the poet condemns the women members of the Free Love movement to establish his utopian counterpoint of female behavior in the republican political system.*

Keywords: 19th century. Brazilian literature. Sousândrade. United States. Woman.

Referências

- CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de. **ReVisão de Sousândrade**. 3ª ed. rev e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- CORDERY, Stancy A. Woman in Industrializing America. *In: **The Gilded Age**: Perspectives on the Origins of Modern America*. New York: Rowman & Littlefield, 2007.
- HOROWITZ, Helen Lefkowitz. Victoria Woodhull, Anthony Comstock, and Conflict over Sex in the United States in the 1870s. *In: **The Journal of American History***, v. 87, n. 2, Sep., 2000.
- KORNER, Aexel; MILLER, Nicola; SMITH, Adam I. P. (Editors). Liberty, Lipstick, and Lobster. *In: **America Imagined**: explaining the United States in the nineteenth-century Europe and Latin America*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

⁸ Cf. CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas**: O imaginário da República no Brasil. São Paulo: Cia das Letras, 2011. 2ª Reimpressão.

- LOBO, Luiza. **Épica e Modernidade em Sousândrade**. 2ª Ed. rev. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- RAMOS, Julio. **Desencontros da Modernidade na América Latina**: Literatura e política no século 19. Trad. ALTO, Romulo Monte. UFMG: Belo Horizonte, 2008.
- SCHNEIDER, Dorothy; SCHNEIDER, Carl J. **First Ladies**: a biographical dictionary. 3rd ed. New York: Facts on File, 2010.
- SOUSÂNDRADE. **O Guesa**. Org. LOBO, Luiza. Rio de Janeiro: Ponteio; São Luís, MA: Academia Maranhense de Letras, 2012. 1ª edição atualizada.
- SOUSÂNDRADE. **O Guesa**. Londres: Cooke & Halsted, 188?. Disponível no site do Instituto de Estudos Brasileiros/ IEB-USP em: <<http://200.144.255.123/Imagens/Biblioteca/COG/Media/COG9544.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2015.
- SOUSÂNDRADE. **Poesia e prosa reunidas de Sousândrade**. Frederick G. WILLIAMS & Jomar MORAES (Org.). São Luís: Edições AML, 2003.
- SPURLOCK, John C. A Masculine View of Women's Freedom: Free Love in the Nineteenth Century. In: **International Social Science Review**. Vol. 69, Nº 3/4 (1994), pp. 34-44. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/41882150>>. Acesso em: 23 set. 2014.
- WILLIAMS, Frederick G. Sousândrade em Nova Iorque: Visão da Mulher Americana. **Hispania**, v. 74, n. 3, p.548-555, set. 1991. Special Issue Devoted to Luso-Brazilian Language, Literature, and Culture. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/344181>>. Acesso em: 5 ago. 2014.